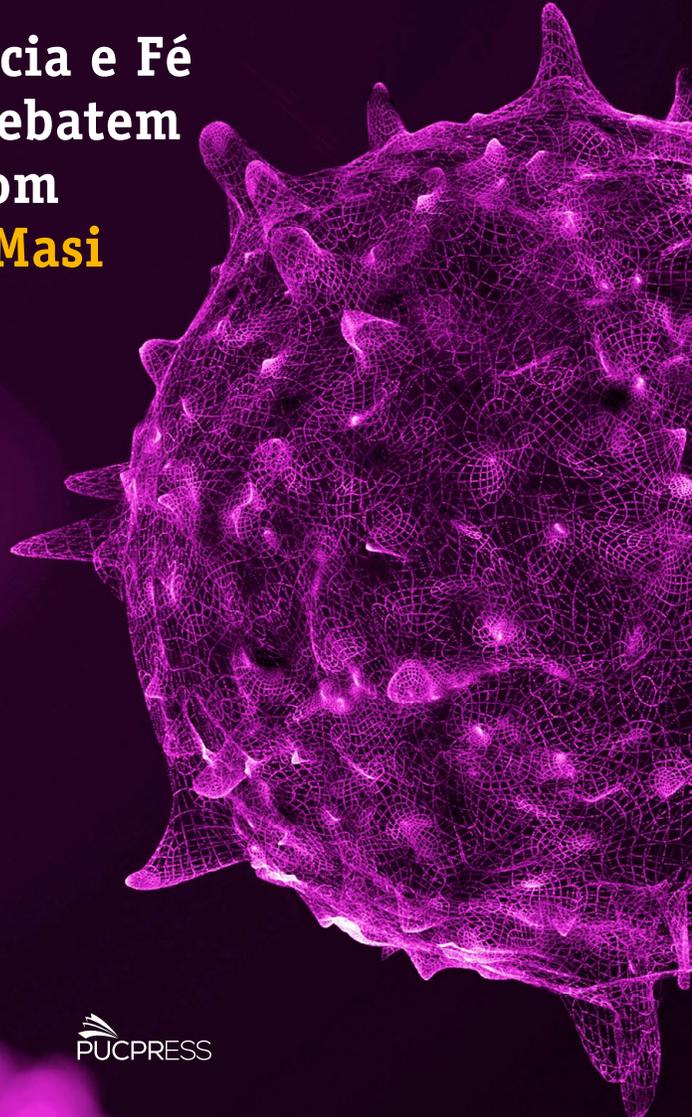


Pensar o (im)pensável

Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Domenico de Masi

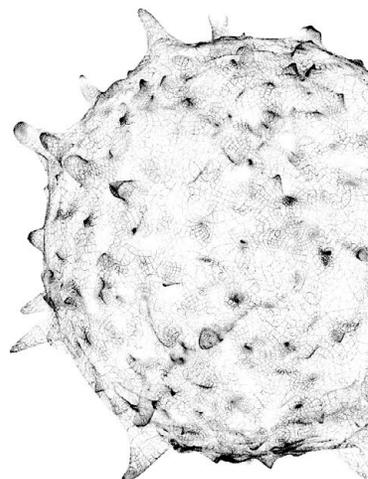


Pensar o (im)pensável

**Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Domenico de Masi**

Sob curadoria de
Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido

Traduzido do italiano por
Luiz Carlos Bombassaro



**Instituto
Ciência e
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo

Domenico de Masi, sociólogo italiano consagrado pela noção de ócio criativo; escritor e autor de diversos livros; professor de sociologia na Universidade *La Sapienza*, em Roma; e um dos mais renomados conferencistas da atualidade.

Pensar o (im)pensável: Instituto Ciência e Fé e PUCPRESS debatem a pandemia é uma série de entrevistas que serão realizadas a partir de diferentes perspectivas do saber sobre os impactos da pandemia. A seleção e a organização do conteúdo estão sob a curadoria de Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido, do Instituto Ciência e Fé PUCPR, e a edição pela equipe da PUCPRESS. Revisão de texto: Juliana Almeida Colpani Ferezin. Projeto gráfico e diagramação: Rafael Matta Carnasciali.

Outubro/2020

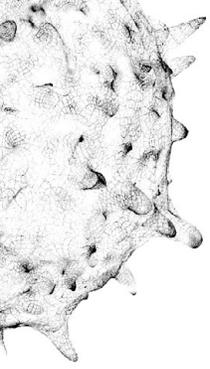
Com a chegada da pandemia – e até que se descubra uma cura, as melhores saídas são o isolamento e o afastamento social. Com ela também ingressamos nos *home offices* e, por não estarmos acostumados a esse estilo de trabalho, temos a impressão de que trabalhamos muito mais do que no cenário presencial. Teria sido este um momento propício também para desenvolvermos o ócio criativo? Ou, afogados nas demandas, o *home office* obstruiu o caminho para esse exercício? E, ainda, seria o ócio criativo apenas uma atividade individual ou podemos compreendê-la também como uma prática coletiva?

No dia 2 de fevereiro de 2020, o *Daily Herald* de Chicago publicou um longo artigo com o título “O coronavírus força o mais amplo experimento de trabalho no mundo”. Com o ‘lockdown’ a que fomos forçados pela pandemia, milhões de trabalhadores em todo o mundo entraram em teletrabalho em massa, realizando em poucas horas uma reconfiguração organizacional que poderiam já ter realizado há anos, com calma e perfeição, se tivessem sido prudentes.

Durante muitos séculos, os homens identificaram seu lugar vital com seu local de trabalho, a sua casa com sua loja. Então, por duzentos anos, de meados do século XVIII até meados do século XX, nossa sociedade foi hegemônica pelo trabalho na fábrica e pela cultura industrial. A maioria dos trabalhadores eram operários; cada automóvel, cada geladeira, cada bem material era produzido inteiramente dentro das fronteiras de um determinado país; cada tarefa era executada dentro de um horário fixo e num local específico: a fábrica.

Agora, no entanto, na atual sociedade pós-industrial, 70% dos trabalhadores dedicam-se ao trabalho intelectual como empregados, executivos, gerentes ou profissionais liberais. Esse trabalho não envolve o manuseio de matérias-primas como aço ou carvão, tratadas por meio de maquinários gigantescos, perigosos e barulhentos, como um alto-forno ou uma linha de montagem. O funcionário, o gerente e o profissional manipulam informações que podem ser transferidas para qualquer lugar em tempo real e que devem ser processadas por meio de computadores portáteis que se comunicam mesmo estando localizados a milhares de quilômetros de distância.

Por isso, há alguns anos, paralelamente à difusão da internet, o número de funcionários que não vai à empresa pela manhã está crescendo. Agora, eles ficam em casa (teletrabalho) ou realizam suas tarefas onde melhor lhes convém (trabalho inteligente). O chefe atribui a eles uma meta e um prazo. Quando o funcionário termina, ele transmite o resultado para o chefe, que avalia a qualidade do trabalho realizado.



Num primeiro momento, não estando habituados a essa flexibilidade, alguns trabalhadores acabam trabalhando mais do que trabalhavam no escritório, mas, com o tempo, todos aprendem a produzir de 15% a 20% a mais trabalhando de 15% a 20% menos, desenvolvendo o tempo livre individualmente ou com os familiares e com amigos.

Diante das transformações no mundo do trabalho, haverá ainda espaço para o *ócio criativo*?

O progresso tecnológico e a produtividade do trabalho estão crescendo numa velocidade exponencial. O efeito combinado do desenvolvimento da tecnologia da informação, do reconhecimento de voz, das plataformas digitais, das nanotecnologias e da robótica, levará ao “desenvolvimento sem trabalho” com a possibilidade de produzir mais e mais bens e serviços com menos emprego de força de trabalho humana e mais uso de robôs e inteligência artificial.

De acordo com meus cálculos, em 2030, cada pessoa de 20 anos terá diante de si 66 anos (cerca de 580.000 horas). Ele vai dedicar 58.000 horas ao trabalho (10% do total); 200.000 horas aos cuidados com o corpo (sono, cuidados, etc.); 120.000 horas para formação; 200.000 horas (o equivalente a 8.300 dias ou 23 anos) para qualquer outra coisa que não seja trabalho, cuidados e formação. Portanto, o tempo livre disponível para a criatividade aumentará consideravelmente.

Em escala global, a pandemia seria a prova do esgotamento de um sistema econômico, político e social que necessita ser repensado e reificado?

Segundo Dominique Belpomme, especialista mundial em saúde ambiental, “existem cinco cenários possíveis para o nosso desaparecimento: o suicídio violento do planeta, por exemplo uma guerra atômica; o aparecimento de doenças graves, como uma pandemia infecciosa ou uma esterilidade que levasse a um declínio demográfico irreversível; o esgotamento dos recursos naturais; a destruição da biodiversidade; e, por fim, mudanças extremas em nosso meio ambiente, como o desaparecimento do ozônio da estratosfera e o agravamento do efeito estufa.”

Estamos vivendo agora a pandemia infecciosa da COVID-19 e, ao mesmo tempo, estamos destruindo a biodiversidade, exaurindo os recursos naturais, causando o desaparecimento do ozônio e agravando o efeito estufa. Tudo isso porque perseguimos um modelo de vida centrado no frenesi da desmedida. Isso significa que nosso sistema econômico, político e social precisa ser radicalmente repensado e recriado.



Qual deve ser o papel das Humanidades no século XXI?

O papel das ciências humanas no século XXI permanece o mesmo que, segundo dois grandes sociólogos – o casal Lynd –, elas deveriam ter desempenhado no século XX. Para o casal Lynd, “o propósito das ciências humanas é perturbar, criticar os sistemas vigentes e indicar sistemas melhores”.

Você acredita que no século XXI as noções de ócio criativo e espiritualidade estariam correlacionadas? De que forma?

De acordo com Agnes Heller, os seres humanos carregam dois tipos de necessidades. As necessidades quantitativas consistem em desejar riqueza, poder e posse; as necessidades qualitativas consistem em desejar introspecção, amizade, amor, lazer, beleza e convívio. Se tentarmos negligenciar as necessidades quantitativas e satisfazer as necessidades qualitativas, conseguiremos combinar o lazer criativo com a espiritualidade.

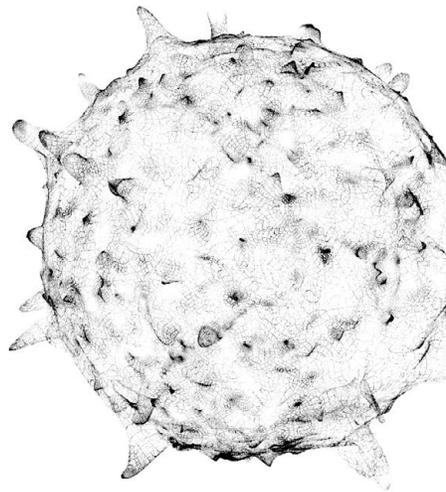
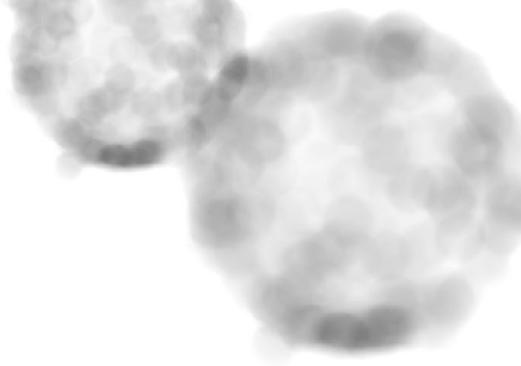
Dentre tantas outras coisas que os filósofos da antiguidade pensaram, eles problematizaram o conceito de ‘técnicas de si’ ou ‘práticas de si’, nas quais o sujeito deveria ser o seu próprio sentinela com o objetivo de se autodesenvolver – várias analogias são feitas nesse sentido com o treinamento dos atletas. Sendo assim, seria o ócio criativo uma técnica de si que, como um atleta, precisa ser exercitada para se tornar parte do sujeito?

O ócio criativo não consiste na preguiça, em não fazer nada. Consiste em fazer três coisas juntas: trabalhar, estudar e brincar. Durante toda a sociedade industrial, antes desta na qual vivemos, costumávamos fazer uma coisa de cada vez: “Quando se trabalha, se trabalha – dizia Henry Ford – quando se joga, se joga. Só quando termina o trabalho se pode jogar”. Acredito, porém, que agora devemos aprender gradativamente a fazer apenas atividades nas quais o trabalho e o lazer coincidam. Tudo o mais deve ser feito por máquinas.

Arriscando-nos em um exercício de futurologia, quais seriam as suas expectativas para o mundo pós-pandemia?

Durante o ‘lockdown’, num muro em Madrid, apareceu a mensagem: “No volveremos a la normalidad porque la normalidad era el problema”. Eu acredito que haverá algum tempo mais solidário e menos competitivo. Depois, o mundo dominado pela competição neoliberal voltará a assumir o controle.





**Instituto
Ciência e
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo